JABITACÁ

DOIS DOCUMENTOS PARA A SUA HISTÓRIA

YONE SAMPAIO

YONY SAMPAIO

JABITACÁ – dois documentos

Para a sua história

REVISTA DE HISTÓRIA MUNICIPAL Nº 6

FUNDAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO MUNICIPAL DO INTERIOR DE PERNAMBUCO – FIAM

FUNDAÇÃO DE ESTUDOS DE HISTÓRIA MUNICIPAL – CEHM

DEZEMBRO DE 1994

JABITACÁ – dois documentos para a sua história

YONI SAMPAIO

A serra de Jabitacá deu origem ao nome do povoado, renomeado por Mário Melo. Antiga Fazenda Varas, na volta, ainda assim é conhecida pelos mais antigos. Centro de irradiação populacional do alto Pajeú, filhos seus espraiaram-se por áreas de Arcoverde, Pesqueira, Ingazeira, e demais municípios vizinhos e depois por todo o Brasil.

Há cerca de quinze anos coletei dois documentos para a sua história. Um cartorial carinhosamente guardado em tubo de metal por Dona Leonor, tabeliã de Jabitacá. O Outro, os originais de trabalho do poeta e historiador Joaquim Rafael de Freitas, Quincas Rafael, já idoso que me confiou uma cópia e a qual me comprometi a divulgar. Não o consegui antes, mas vai aqui com apenas algumas correções de ortografia, nova ordenação para facilitar a leitura e algumas poucas notas.

I – Escritura de Venda do Sítio Volta – 1790

"Traslado de uma escritura de venda que fez o Tenente João Marinho Falcão a Francisco Barbosa da Silva, João Evangelista da Silva, José Themoteo de Vasconcelos, Antonio de Amorim e Silva, e Gonçalo Ferreira da Silva, como procurador bastante Jacintho José Benevides e sua mulher Dona Manuella Maria de S. José Burgos Pacheco de Sintra. Neste ano de nosso Senhor Jesus Cristo de mil setecentos e noventa, aos 14 de maio, nesta fazenda da Volta, ribeira e julgado do Pajehu, onde eu tabelião me achava, em casa de morada de José Correia da Silva, ... Compareceram como vendedor o Tenente João Marinho Falcão, como procurador bastante de Jacintho José Benevides e sua mulher Dona Manuella Maria de S. José Burgos Pacheco, moradores na cidade da Bahia e como compradores Francisco Barbosa da Silva, João

Evangelista da Silva, José Themoteo de Vasconcelos, Antonio de Amorim e Gonçalo Francisco da Silva... possuidores como de fato o são... em virtude de uma sesmaria demandada e qualificada pelo Supremo Tribunal da Casa de Suplicação que a seu favor alcançou os ditos seus constituintes contra a Casa da Torre da cidade da Bahia e que hoje existe o mestre de campo Garcia de Ávila Pereira e Aragão, se tinha empoçado do sítio denominado Volta, na ribeira do Pajehu no julgado de Flores Comarca de Pernambuco de comprehenção da dita sesmaria, vendida como com efeito vendido tinha de hoje para sempre aos compradores... Com suas confrontações e rumos direitos, contestando com seus éreos. Principiando pela parte de cima de onde faz extrema com José Correia da Silva, descendo pelo riachão abaixo a contesta com extrema da Lagoa em uma Lagoa denominada, fazendo extrema entre a dita Lagoa e um riacho do mesmo nome, mororó, cortado rumo direito pela a Lagoa da extrema até aos Tabuleiros águas do moxotó da parte do sul e Caryri de Fora, e pela parte norte fazendo as mesmas extremas com Ingazeiras e Santanna, que sempre foram, com todos os seus pertences e logradoiros cujas as terras assim confrontadas e vendidas... pelo preço de cento e cinquenta mil reis, que recebeu em moeda corrente desse reino... Fiz este instrumento nesta nota, para mim distribuída pelo distribuidor d'este e juiz ordinário Francisco Xavier de Azevedo por bilhete que fica em meu poder e cartório em cuja nota assignaram com as testemunhas presentes que eram Vicente José de Oliveira e Félix da Silva, casados e moradores neste julgado e eu José Antonio Pereira Tabelião público o escrevi (seguem-se as assinatura)

E não se contendo coisa alguma em dito instrumento que eu Tabelião fielmente transladei do

próprio que me se posto. Escrevi e assignei em público razão de meus signaes seguintes em dia supra, em testemunho de verdade o Tabelião público José Antonio Pereira estava o signal público do dito Tabelião, pagou cento e vinte reis de sello. Flores 6 de maio de mil oitocentos e trinta e trez, Carneiro Andrade...

Nesta Villa de Flores e seu termo Comarca do Sertão de Pernambuco aos dias 6/5/1833..."

Fica esclarecido, por este documento, que houve questão entre a Casa da Torre, proprietários da terra a Oeste do rio Pajeú e os herdeiros da sesmaria dos Burgos proprietários de terras no rio Moxotó. A terra em questão fica exatamente entre as nascentes do rio Moxotó e rio Pajeú e ficou pertencendo por decisão judicial aos herdeiros dos Burgos os quais vendem a fazenda Volta neste 14 de maio de 1790. Na fazenda Volta residiu o misterioso inglês de Volta", sobre o qual se tratará a seguir.

Nesta escritura aparecem também alguns dos principais personagens da povoação de Varas/Jabitacá: o seu fundador Francisco Barbosa da Silva, João Evangelista da Silva e Antonio de Amorim e Silva.

Ulisses Lins de Albuquerque, em seu "Um Sertanejo e o Sertão"(1957) assim o registra:

"E até um inglês (embarcadiço que chegava ao Recife, com 11 anos, internou-se pelo interior) surgiu no lugar Volta, de Afogados da Ingazeira, e dali não voltou mais:

- ligou o seu destino ao de uma sertaneja, da família Siqueira Cavalcanti (conforme uns me informaram, e, segundo outros, a uma descendente de mameluco Amorim, que provinha dos índios da serra de Jabitacá').

Seu nome era Richard Breitt, traduzido logo pela gente da terra como Ricardo Brito, e pelo que me informaram sua mãe era holandesa. Deixou vasta prole no Pajeú – meus compadres Jovino e Antonio de Freitas Vidal eram seus netos, bem assim Arcelino de Brito e muitos outros que conheci no povoado de Ipojuca (hoje Urubá), no município de Pesqueira, pertencente atualmente ao de Arcoverde."

II – Historia de Jabitacá, por Joaquim Rafael de Freitas, Quinca Rafael

II.I – Jabitacá – A Capela e seu Fundador

A Vila de Jabitacá continua sendo uma espécie de museu, onde conservamos a lembrança do passado. É habitada pelos familiares dos seus fundadores.

Sua fundação data de 1818.* Neste ano foi começada a construção de sua igreja. Já no ano seguinte era considerada capela. Foi iniciativa do Barbosa, fazendeiro e proprietário. Não terminou por ter falecido em 1830, quando procurava ligar aquela vila a de Lagoa de Baixo, hoje Sertânia. Ficou o encargo ao critério de Dona Leonor, sua viúva, e de João de Luz. Não deixou filhos o Barbosa. Sua esposa, ao casar, já era viúva, com um filho chamado Manoel Inácio. Este casando-se com Iaiá, gerou um filho que se chamava João e foi o esposo de Tia Bela.

***Pereira da Costa (Anais&;400/401), falando sobre a povoação de Varas diz que: "O que há de notável na povoação é uma igreja, de bom tamanho, de construção moderna, elegante, que foi levantada por um João Barbosa, rico proprietário, que habitou na localidade ate poucos anos anteriores a 1884."**
Vasconcelos Galvão (Dicionário) é mais preciso: "A povoação de Varas, no município de Afogados da Ingazeira, a margem do rio de seu nome, foi fundada em 1833 pelo Capitão Francisco Barbosa da Silva, que ai fez erigir uma capela, sob o patrocínio de N.S. da Conceicão, concluída somente em 1837 por viúva D. Leonor Francisca de Carvalho, auxiliando-a o padre Francisco Jose Correa.

Manoel Inácio era dado ao vício de jogar; contam que em uma certa noite estava jogando e em uma partida jogou 14 novilhas de vacas lavradas de preto. Foi ele o herdeiro de toda fortuna que com pouco tempo estava toda em mãos de João da Luz. Este (João da Luz), também não tinha filhos. Por isso adotou vários sobrinhos entre eles, Major João Alves de Passos e a esposa de Quinca Flor. Quinca Flor deixou três filhas: Francisca, Luzia e Ana, minha saudosa mãe. Tia Bela era filha de Clemente Correia e foi sogra de dois filhos do Inglês.

No primeiro ano de sua elevação a vila, foi nomeado o seu primeiro escrivão João Evangelista, pai de João da Luz. Para homens de sua época sua inteligência deve ser aqui lembrada. Tendo mesmo certo dia sido designado para escrever um processo, o fez com tanto esmero que o juiz de direito leu e releu e para sua admiração só encontrou como erro a falta de um ponto em uma letra "i". Seu primeiro professor foi o Antonio Raposo. Desde minha infância que eu ouço a fantástica história do famoso cabedal que ficou escondido pelo seu proprietário.

Jabitacá se compara a uma árvore de muitos galhos, mas que vem de um só tronco. É madre de muitos vultos para engrandecimento do Nordeste e do Brasil. Monsenhor Arruda Câmara, Padre Celestino, Doutores José Câmara, Inácio Martins e Manoel Rafael, o juiz poeta.Tendo superado muitas cidades do Nordeste, seu pequeno tamanho é compensado com um povo grande. Tem um patrimônio, doação do Barbosa, a Nossa Senhora da Conceição, com meia légua quadrada, onde habitam duzentos e cincoenta rendeiros. É como se fosse um pequeno Vaticano.

Até 1948 ainda existia a quixabeira onde foi celebrada a sua primeira missa. O celebrante foi Frei Francisco.

Durante a época do cangaceirismo nunca foi assaltada. Várias vezes foi visitada por diversos grupos, mas devido a hospitalidade do seu povo, eles tornavam-se pacatos visitantes. Um só que vinha com intenção de saquea-la foi

repelido bravamente. Foi o chefiado por Severino de Mãezinha.

Hoje em pleno século vinte, com a evolução educacional do Nordeste, é que vemos quanto era extravagante a vida de homens que na maioria foram injustiçados e tornaram-se bandoleiros. Cada cangaceiro tem a sua história, tal pai tal filho, e comumente é o pajeú o pai desse aventureiros.

É um rio que na época de suas cheias desafia a própria natureza; como a se vingar do que sofreu no estio, vendo seu leito transformado em fornalha. Nossa região é um espelho com duas faces, por onde se vê 1914 e 1915, 1960 e 1970. Por isso um filho dessa região poderá sem bom hoje e ruim amanhã. O sertanejo nato zela sua hora como se fosse um objeto raro. Um simples tapa, no sertão, é considerado uma das maiores desmoralizações com relação à honra. O sertanejo continua primitivo.

II.2 O Inglês de Volta

Nasci em 1921. Por esta razão não tive o direito de conhecer a aurora de minha querida vila, Varas, onde um só homem deixou o seu nome para ser lembrado através dos séculos. O Barbosa. Depois vieram outros vieram outros como o major Laurindo, Tenente Pedrosa, Tenente Vicente, conhecido como o povo das cabeceiras. Clemente Correia, Nicácio Pereira, João da Luz. Das proles destes patriarcas Germinaram grandes vultos que tem representado o nosso pajeú.

Hoje Jabitacá. Se fosse mencionar o nome de homens de valor, que por aqui passaram, seria preciso um livro de grande volume. Vários são os sobrenomes mas todos procedem do Amorim. Destaco a pessoa do Inglês.

Conta-se que o mesmo residia em Londres e que ainda muito criança estudava com um mestre muito rigoroso. Não

deixava dúvida que o ensino da época era, como se diz hoje, muito pesado.

Até que um dia se rebelou contra o castigo que lhe ia ser aplicado devido a uma pequena travessura, chegando a jogar um tinteiro na cara do mestre. Por isso fugiu em um navio que se achava no comando de um tio, viajando mais de um dia sem que ninguém soubesse.

Para o Tio foi uma grande preocupação descobri-lo e saber que ia submetê-lo a uma perigosa aventura. Depois de atravessar o oceano ancorou em Recife, e o deixou neste porto, aos cuidados de um amigo seu; que por sinal era suíço. Naquela época se disputava o sangue azul, como se considerava qualquer estrangeiro. Pensando em casar uma de suas filhas com o menino branco e sabendo do dia que regressava o tio de Ricardo, como era chamado o menino, procurou escondê-lo.

O tio, com a responsabilidade da nau, resolveu deixá-lo novamente, aumentando ainda mais a esperança do suíço em tê-lo como genro. Até que um certo dia tendo de viajar para o alto sertão achou que devia conduzir o garoto.

Depois de percorrer vários pontos do Interior, pernoitou certa vez na casa de Joaquim Amorim, na fazenda Volta, de quem era amigo particular. Presume-se que Ricardo naquela época já era um rapazinho. Vendo a fartura de gado, leite, queijo e para completar uma cabocla bonita como sempre eram as filhas dos fazendeiros, ficou dominado por todos estes encantos.

De regresso para a capital em companhia do seu protetor, mais ou menos a um dia de viajem, foge pela segunda vez e chega a dita fazenda onde é bem acolhido. Como tinha simpatizado com a cabocla, com pouco tempo se casa. Criaram-se 12 filhos, sendo 8 homens e 4 mulheres. Mais adiante mencionarei o nome de todos.

Naquela época foi considerado um dos maiores católicos, o como prova disso um de seus filhos, o Eduardo, foi classificado como grande curandeiro. Como vaqueiro,

talvez o maior do Nordeste, teve Arcelino, que chegava a pegar um boi no escuro. Afirma-se que ele tinha um cordão bento, com o qual exemplava qualquer filho que o desobedecia; chamava assim a surra do credo que consistia em, a cada açoite, ser mencionada uma palavra da dita reza.

Depois de muitos anos foi convidado a regressar a sua terra, Londres, para receber grande fortuna de herança, que lhe pertencia. Por amor a família tudo renunciou. Chegou a ir até o porto da capital, mas lembrando os filhos, foi tirando os troços de volta já na hora da partida.

Chegou a decadência devido a um de seus netos ter se tornado cangaceiro, o temido Adolfo Rosa Meia-noite.

Meu bisavô chamava-se Florêncio. Veio de Malta, Paraíba, casou-se com Carolina(filha do Inglês) e deste casal nasceu o famoso Quinca Flor. Um outro neto do Inglês de grande nome foi o Arcelino de Brito da Ipojuca.

Era formado este distrito por duas datas de terra, sendo a data de Volta e Varas pertencente a Joaquim Amorim, começando do riacho do Joaquim, água do moxotó, e a (data)

de Lagoa pertencente a Nicácio Pereira, do qual procede o grande estadista Monsenhor Arruda Câmara, o juiz de direito José Bezerra Câmara que reside no Rio de Janeiro, e Waldecir Arruda.

Tudo faz crer que quando o Inglês chegou por aqui era Varas desmembrada de Volta. É quando surge o Barbosa que talvez tenha adquirido por compra, porque não era o mesmo daqui. Pelos meus cálculos a chegada do Inglês neste terra ocorreu no começo do outro século (XIX), porque em 1877 já o seu neto Adolfo dominava a zona como cangaço.

II.3. Descendência do Inglês

Seu nome era Ricardo Nóbrega.* Sua esposa Tereza Amorim. Seus filhos foram os seguintes:

1 – Ricardo, casado com D. Maria Tenório. Seus filhos foram: Iaiá de Brito e Sinhá.
2 – Marcolino, casado com Vitória. Seus filhos: Valdevino, Domingos e Paulo.
3 – Teodoro, casado com Francisca. Seus filhos: Severino, Manoel, José (Zeca), Joaquim, Samoé, Bem, Amélia, Ana, Francisca e Isabel.
4 – Eduardo, casado duas vezes, com Francisca e Joaquina. Seus filhos: do primeiro, Leopoldina, Maria Teófila; do segundo, Maria e Quitéria. As duas esposas eram suas sobrinhas.
5 – Augusto, casado com sua sobrinha Leopoldina. Filha única: Francisca de Paula.
6 – Manoel, casado com Maria Bela. Seus filhos: Oliveira, Umbelina e João.
7 – Arcelino, casado com Umbelina Bela. Sua filha: Doninha.
8 – Jorge, casado com Teodora. Seus filhos: José, Paulino, Francisco, João, Cláudia e Luzia.
9 – Riqueta, casada com Leandro. Seus filhos: Adolfo, Nobrelino, Manoel José, Raimundo, Pacífico, Sofia, Malquisia e Idalina.
10 – Carolina, casada com Florêncio. Seus filhos: Joaquim, Claudino, Antonio, Leopoldo, Maria, Cecília, Joaquina, Antonia e Vitorina.
11 – Delmira, casada com Francisco de Brito. Seus filhos: João de Brito, Joaquim, Luiz, Maria e Ana.
12 – Porcina – casada com Antonio neném. Seus filho: Arcelino de Brito, José, Serafim, Antonio, Tereza, Ana Santa, Maria, Chico e Pedro.

Para melhor esclarecimento, mencionarei os nomes de alguns descendentes do Inglês, mas suplicando para que no futuro não venham pensar que os quis imortalizar e sim para que seus descendentes compreendam o grau que os ligom.

***Aparece nos livros eclesiásticos como Ricardo Francisco Nobre, casado com Thereza Maria de Jesus**

De Carolina Joaquim, o Quinca Flor de Varas; de Porcina, Arcelino de Brito, de Ipojuca; de Delmira, João de Brito de Machado; de Riqueta, o cangaceiro Adolfo e Sofia de onde parte a família Vidal; de Teodoro, Zuzú da Ingazeira; de Jorge, Francisco de Zeca e a família Nobrega que ainda reside na Volta; de Ricardo, Iaiá, a primeira esposa de Raimundo Leandro; de Manoel, a família de Umbelina (Moça) que reside em Jabitacá; de Augusto, a família de Francisco de Paula que reside no Tapuio; de Arcelino, os filhos e Netos de Teodoro Quaresma.

Em palestra com uma de suas netas, que ainda continua com perfeita lucidez, consegui os nomes de 64 netos. Não posso discordar desses dados porque os anos mostram um passado que está muito longe deste presente. Mas, segundo o número de filhos do Inglês, talvez seja isso mesmo. Não foi sem dificuldade que penetrei neste labirinto. Com o que por mim foi escrito, aclarei um pouco, porque muitos confundem os descendentes do Inglês, com os de Antonio Amorim, que era irmão do seu sogro, e por conseguinte são duas árvores de uma só semente em que se torna difícil dividir os frutos de ambas.

II. 4 O Cangaceiro Adolfo Rosa Meia Noite

Em 1877, já o neto do Inglês, Adolfo Rosa da Meia Noite dominava a zona como cangaceiro. Este filho de Riqueta, com mais dois irmãos, Manoel e Nobelino, por uma questão de honra, valeram-se da espingarda.

Esta injustiça foi praticada por uma simples paixão amorosa de um comissário de polícia, subdelegado naquela época, o conhecido Padre Quaresma, apelidado de padre não se sabe por quê.

Era Adolfo o galã da vila, disputado por todas as moças. Por inveja do subdelegado foi preso e conduzido para a cadeia pública na cidade de Ingazeira, onde foi espancado barbaramente, sendo depois libertado por seu irmão Manoel. A

partir desta data a vingança prevaleceu, sendo o comissário a primeira vítima.

Vem daí as maiores consequências para ele e a família que se viu obrigada a mudar.

Por mias de um lustro dominaram o pajeú. Não só por este trio era formado o grupo. Tiveram vários cangaceiros sob o seu comando. Destaca-se "Oiticica", que tombou em combate com os Quicé. Era parente de Adolfo este 'Oiticica".

Eram os Quicé residentes no sítio Tamanduá e foram testemunhas contra Adolfo, quando foi preso. Neste combate os Quicés perderam dois membros da família. Eram os mesmos parentes de Praxades José Romeu, muito valente. Sob o comando de Praxades cercaram a fazenda Volta, e por não encontrarem Adolfo, assassinaram o seu irmão Pacífico, que além de criança era retardado.

Daí por diante o granadeiro falou. Adolfo chegou a comandar dez cangaceiros. Não se registro nenhuma vila ou cidade que ele tivesse assaltado. Mas ainda se vê no distrito de Jabuticabá suas tradicionais trincheiras construídas de pedras soltas. Mas a que mereceu mais atenção é a da serra do Brejinho. Com referencia aos nomes dos cangaceiros pouco se sabe. Colhi somente o nome de " Manoel do gado", que lhe era dado por ter sido marchante, e Almeida, filho natural da Serra da Colônia, assassino de uma frieza nunca vista, chegando a matar um primo no Sítio Extrema por uma simples rapadura. Adolfo não estava presente, e imensamente sentido, censurou esta vil ação.

Era Almeida de inteira confiança do chefe. Mas um certo dia pediu para visitar a família e quando voltou vinha peitado para matar Adolfo. Mas foi mal sucedido, ganhando a morte como prêmio pela sua falsidade.

Adolfo foi considerado a ovelha negra da família. Mas vingou a sua desfeita. Jesuino Brilhante, Antonio Silvino, Vergolino nenhum se vingou dos seus inimigos e sim exploraram a suas famas.

A Prisão de Adolfo. Adolfo é intimado a ir a sub delegacia da Vila de Varas. Nada temia, porque nada devia. Traiçoeiramente é preso e enviado a cidade de Ingazeira como já foi dito. Como não havia segurança nas cadeias daquela época é colocado em um tronco. Quinze dias se passam e sem que seus familiares soubessem, porque o mesmo se achava incomunicável. Vieram saber por intermédio de um conhecido que disse que se não tirassem Adolfo da cadeia ele ia morrer. Como havia de tirar se Adolfo tinha sido fichado como ladrão de cavalos. Nesta altura Adolfo não sabia ainda porque estava preso; até que o tenente responsável por sua prisão chegou e disse:

- Você conhece Padre Quaresma?
- Sim, disse o preso.
- pois ele mandou um presente.

Ele respondeu:

- Nada tenho a receber de um homem que me botou aqui seu eu merecer.

Então o tenente lhe deu vinte lapadas com uma vara de espichar couro.

A partir daquele momento ele ficou sabendo por quem e porque estava preso. E veio o desejo de vingança que tanto prejuízo causou a si e à sua família.

Libertação de Adolfo. A família informada de todas estas barbaridades, reuniu-se em conselho, para ir tomar o preso. A revolta da família era grande e cada um que quisesse mostrar suas qualidades de homens dispostos. Mas na hora da onça beber água só apareceram dois: Manoel que contava apenas 16 anos e Manoel Piauí.

Seguiram para Ingazeira como para uma aventura suicida. A euforia do tenente Paiva, o delegado, muito contribui para o êxito dos dois aventureiros. As cadeias, naquela época, não dispunham de sanitários e os presos eram obrigados a fazer a faxina. Como se tratava de um preso que de toda maneira merecia cuidados neste dia ia escoltado por três soldados, mas que não sabiam que emboscados haviam

dois homens dispostos a tudo. Ao se aproximarem do local destinado à faxina foram surpreendidos por duas bocas de granadeiros que pediam a liberdade do preso, e clamavam "ou entregam o homem ou morre". A essas palavras um soldado que sofria do coração caiu morto; um outro correu e o terceiro esmoreceu, sendo desarmado para não atrapalhar a fuga. O estado físico do preso era lamentável, mas o caminho da liberdade da coragem ao homem. E mesmo nessa hora o homem se vende caro. Seguiram de lá para a fazenda Riachão, propriedade do tenente Pedrosa, que era padrinho de Adolfo. Apesar da distância aproximada de três léguas gastaram um dia de viagem em consequência da fraqueza de Adolfo. Por felicidade era tempo de inverno, época em que com facilidade se encontrava imbu e mel de abelha.

Naquela fazenda passou vinte e dois dias se recuperando. De lá foi levado para a casa do seu tio Elisbão, na serra da Solidão.

A Vingança – Não tinha ele ideia fixa de que viria a ser no futuro o cangaceiro Adolfo.

Mas não pararam aí as perseguições. O padre Quaresma dizia abertamente que se ele escapasse da polícia não escapava do seu dedo e mesmo homem que barbava de baixo para cima não tinha vergonha. Eis ai o ponto em que o homem já não pode voltar atrás. Desmoralizado, perseguido. A família não lhe olhava com bons olhos. Viu que era obrigado à recorrer de quem pode mais. Vendeu uma vaca por dez mil reis, comprou um granadeiro por cinco , uma calça de mescla e munição com o restante. Batizou o granadeiro com o nome de Imbuzeiro, fez várias balas de azelha de tacho e veio para a vila de Varas. Sem que ninguém soubesse, devido à distância da fazenda Volta para Solidão.

A sua atitude era ignorada pela família. Já era noite quando cautelosamente se aproximou da vila. Seu ponto estratégico foi o cemitério, o qual era ligado a igreja. Além de não ter iluminação era noite de escuro. Tudo estava a seu lado. Cada passada era alimentada pela ideia de vingança. Decidido,

parou à porta de sua inimigo e para fortalecer o seu ódio o achou falando dele. Ainda hoje se vê na porta o buraco por onde passaram as duas balas, uma foi direta a seu destino e a outra cortou as duas tranças do cabelo da mãe de sua vítima como se fosse tesoura.

A partir daquele momento foi retirada a mancha negra que escurecia o seu coração e passou a ser o cangaceiro Adolfo.

A Perseguição – Com o clarear do dia chegava à fazenda. Sua alegria não deixava ver que ele tinha matado um. Seu cunhado Vidal, aquela hora já estava no curral desleitando as vacas e muito sobressaltado ficou ao vê-lo ali. Quando ele descreve o ocorrido na noite, concluindo: - por este modo, sabes Vidal, parece que mataram o padre Quaresma. Responde Vidal:

- Não digas tal doidice, rapaz, pois se isto aconteceu nem eu, nem você, e nem ninguém de nossa família terá mais paz. É a pura verdade.

E foi a partir daquela data que só se via clamor. Não era tanto a polícia, e sim os paisanos que se achavam a serviço dos coronéis, porque o governo não tinha meios suficiente para lhe dá perseguição cerrada. Primeiro era a falta de transporte, pois o trem só chegava a Vitoria de Santo Antão. Depois veio a seca de setenta e sete que foi a maior calamidade que se viu no sertão; a falta d'água era o maior obstáculo para quem vinha de fora.

Devo ressaltar que no começo ele não quis enfrentar brigas indo ficar em Malta, onde residiam parentes de seu pai. Mas sabedor do que estava se passando com seus parentes, por sua causa, organizou um grupo e veio enfrentar os perseguidores. Tanto que em setenta e sete já era senhor absoluto. Seu grupo era composto dos seguintes cabras: Adolfo, Manoel, Nobelino, Almeida, Manoel do Gado, Oiticica, Cabeça Chata e João Cagado.

Não foi diretamente um cangaceiro e sim um fora da lei.

Combates - Ao chegar são informados que a família Quicé era quem mais perseguia os seus. Por isto são surpreendidos por Adolfo em uma casa de barro que a três dias tinha sido tapada. Como feras acuadas responderam ao fogo inimigo por quatro horas; era três e só um sobreviveu. Neste combate tombou Oiticica, por não ligar às advertências do chefe; ficou atravessado por uma bala inimiga. O maior inimigo de Adolfo foi João da Luz, chefe político que viveu quase todo tempo no lugar do promotor; era seu capataz Clemente Simão que junto com Praxades deram muitos cobates a Adolfo.

Conta-se que um certo dia faltou carne e Adolfo soube que na fazenda de João da Luz tinha um boi muito gordo. Mandou Manoel do Gado buscá-lo. Clemente que não dormia, estava de tocaia. Manoel do Gado não só trouxe o boicomo também seu armamento. Adolfo botou várias emboscadas em João da Luz mas nunca o pode pegar. Parecia ser até benzido. Seu pai não suportando as perseguições foi com toda a família para Baixa Verde, hoje Triunfo. Seu tio Florêncio com os demais mudaram-se para Pesqueira, deixando o campo livre para as suas escaramuças. Vários foram os seus encontros com a polícia mas devido a sua sagacidade sempre se saía bem. Às vezes passava seis meses sem ser preciso dar um tiro. Em Poço Dantas ele tinha um amigo, rapaz pobre mas muito bom. O mesmo tinha um irmão rico e que não gostava de Adolfo. O irmão rico para ficar com um pedaço de sua terra matou o irmão pobre. Adolfo considerando a velha amizade foi visitar a viúva. Como o assassino era rico não foi preso e o mesmo vendo Adolfo na casa da viúva procurou a polícia e disse que se o livrassem ele prendia Adolfo. Mas como todo cangaceiro, Adolfo sonho e caiu fora ficando ele só com a vontade, não sabendo do cangaceiro nem a notícia. O mesmo tinha ido ficar em Malta. No dia que completou um ano que este tal tinha matado o irmão, Adolfo chegou, o matou e o botou no mesmo lugar em que há um ano o irmão tinha sido assassinado. A viúva do dito chorando perguntou porque matou meu marido?

Ele disse: primeiro porque há um ele matou o irmão e segundo porque queria me prender.

Assalto Frustrado – Um dia chegando a notícia que no dia seguinte havia de passar um comboio no qual vinha uma parte de mercadoria que era destina a polícia que se achava aquartelada em Afogados da Ingazeira, ele retirou cinco cabras e deu o comando a seu irmão Nobelino, não se lembrando que Nobelino era incapaz de andar sem ele. Ele em tudo ultrapassou Adolfo; além de ser mais valente possuía uma perversidade fora do comum. O dito comboio tinha que passar na mata da Estrema. O dia estava clareando quando ouviram o estalo do relho. Nobelino e Almeida já se achavam emboscado na estrada da mata enquanto os outros três estavam do outro lado, à espera de qualquer aviso. É quando surge dois pobres matutos com duas cargas de rapadura para serem revendidas na já citada vila.

Como os cangaceiros estavam com fome, resolveram comprá-las. Os matutos não confiados naqueles inesperados fregueses, responderam asperamente: "não vendemos, não damos e vocês só poderão comer uma rapadura dessas depois que passarem por cima dos nossos cadáveres", e foram logo saltando. Um com uma pistola não chegou a se firmar, porque é alvejado por Almeida, enquanto o outro com uma da faca enfrentava Nobelino, sem este ter tempo de usar o granadeiro. Várias vezes se viu atingido pela pequena faca do matuto, e se não fosse a intervenção dos outros facínoras, talvez esta história hoje fosse contada muito diferente. O que foi atingido pelas balas do granadeiro Almeida caiu agonizante, e depois de extinguida a fumaça se reconheceram – eram primos e nem por isto o bandido deixou de tirar o sopro de vida que ainda restava naquele pobre pai de família. Isto muito repercutiu para a má fama do grupo.

Ainda hoje existem as duas cruzes daqueles que morreram em defesa do que era seu. Adolfo ao saber da

ocorrência chorou de raiva, mas já estava sem jeito. Morreu censurando esta vil ação do seu deslocado irmão.

A Retirada – A maior patada de Adolfo foi ele se indispor com a família Dantas.

Depois de fracassarem com o assalto da fazenda Cacimba Nova seguiram para a vila de Boi Velho, onde, na fazenda Cambão do Velho Antonio Bernardo, travaram um grande combate, com prejuízo para ambas as partes, incluindo um genro do fazendeiro. A partir desta data o grupo não soube mais o que era sossego. Além de ser numerosa, a família inimiga foi auxiliada pela família Dantas e para completar vinha Antonio Catolé que conhecia todos os segredos do grupo. A primeira iniciativa foi tomarem as fontes d'água que eram bem poucas naquela época. Adolfo acostumado a lesar a própria polícia veio direto as suas malocas. No início da sua carreira tanto apertou o tenente Paiva que este se transferiu. Mas agora era diferente; era gente do mesmo quilate, feitos na caatinga.

Na serra do Brejinho, onde merecia mais garantia não pôde ficar e sempre perdendo nos combates com essa gente. Na volta, Riachão, na serra do Brejinho, na serra do Jambre, estava o grupo reduzido aos três irmãos, sem jeito de se organizarem novamente. Seu maior combate com essa gente deu-se na Cacimba da Varzinha onde chegou a perder treze cabras, entre eles Manoel do Gado. Cada vez mais acossado viu que era obrigado a cruzar a Borborema para nunca mais voltar.

Seu Maior Combate - Chegaram os três irmãos em Malta estado lamentável, como se diz, de gente só levavam a fala. Adolfo devido ao seu porte de galã com pouco tempo se casa com uma parente de nome Santina. Mas sua fama já tinha atingido aquele reduto e não era possível residirem os três ali. É quando resolveram moram em um canto bem esquisito. E para isto escolheram a serra do Teixeira. Em um pedaço de terra adquirido por compra, construíram duas pequenas casas

ligadas, terreiro com terreiro. Como não eram conhecidos ali por ninguém, já faziam aproximadamente dois anos que viviam sem nenhuma intranquilidade. Mas durante este tempo seus últimos inimigos nunca o esqueceram. A família Dantas com sua influência no estado conseguiu descobrir sua tocaia e pediu diretamente ao chefe de polícia carta branca sendo logo atendidos com uma numerosa força sob o comando do tenente Jurubebal. Chegando esta volante em Teixeira é reforçada pelos capangas das duas famílias. Ao todo eram sessenta homens contra três.

Cercaram as duas pequenas moradas às oito horas da noite, hora em que todo sertanejo já está dormindo. Acordaram com o toque da corneta. Chamaram por Adolfo e ele respondeu. O oficial da justiça leu o mandato de prisão mas sua resposta, foi: Só sairei daqui depois de morto.

E travou-se então o desigual tiroteio. Às duas da madrugada, Nobelino já estava morto e Manoel agonizante, enquanto Adolfo estava ferido em uma perna e a casa prestes a cair. Já sem munição é quando o tenente lhe intima pela última vez.

- Adolfo, o prejuízo na tropa é grande, seus irmãos são mortos, ou você se entrega ou tocarei fogo na casa. Ele respondeu que ainda não era tempo.

Adolfo sabia que pelo estrago que tinha na tropa eles não lhe deixariam com vida depois de preso. Jogou sua última cartada. Chamou Santina e disse: peça para sair, e se eles concederem atire os troços para a casa dos meninos e traga os cartuchos do graneiro de Nobelino, para ver se por este meio eu saio. As súplicas das mulheres raramente deixam de ser atendidas, até nos momentos difíceis. Santina esta no último mês de gravidez e a cinco horas que se achava abriga numa barroca. Seu pedido foi aceito. Ao chegar na casa dos cunhados verificou que Manoel ainda vivia, acendeu a candeia para melhor saciar a sede do moribundo que implorava por água. Foi tirando os troços de volta, escondeu em si os cartuchos e entregou ao marido. Adolfo depois de remuniciado

foi ver se a sorte ainda estava do seu lado. Mandou a mulher abrir as duas portas, disparou o granadeiro na porta da cozinha e saltou pela a da frente, conduzindo o punha e a pistola. Com ela disparou em um soldado que quis barrar-lhe a saída e entrou no garrancho. Por se achar ferido andou pouco. Abrigou-se em um lugar em que nem urubu o achava, enquanto a polícia vasculhava a redondeza. Antes da fuga ele disse a mulher que não deixasse de ir naquele lugar, mas como ela havia de ir se vigilância era grande sobre a casa. É quando aparece um vaqueiro amigo e ela explica como ele havia de fazer. Eram passados três dias sem ele receber nenhum socorro, quando é encontrado pelo vaqueiro. Seu estado já era desesperador – sede, fome, seu ferimento sem nenhum curativo já não é preciso pensar como estava aquele homem. Com muito cuidado foi removido para um lugar seguro, onde foi tratado. Dizia ele que enquanto vivo o homem deve lutar, e de fato estava salvo por essa vez.

Segunda Vez Mora em Malta. E o Fim

Sua carreira criminosa terminou em Malta. Antes mesmo de uma recuperação completa. Veio à sua terra, a volta, enquanto Santina seguia para Malta, deixando assim seus perseguidores sem nenhuma pista.

Sua vinda para ali foi como uma despedida. Vendo que não havia mais ninguém no seu rastro, foi se juntar a esposa. Os pés levam o corpo à sepultura; foi o que se deu com ele. Um pouco afastado dos seus familiares construiu nova residência dedicando-se a um pequeno criatório sem ali ser perturbado por nada. Mas não que se descuidasse, porque quem tem inimigo não dorme. Nunca se apartou do seu fiel graneiro. A esposa acostumada a vida acidentada do marido, fazia a vez de vigia. Se não havia perigo lhe estendia um pano branco, mas se era um pano vermelho, ele já sabia que havia perigo. Quem vive a vida é o próprio vivente e o criminoso atrai o criminoso. Um certo dia apareceu um cara a procura de

serviço, sendo logo admitido por Adolfo. Com pouco tempo já era merecedor de toda confiança do amo; era como se fosse uma segunda pessoa de Adolfo. Era que ia a rua nos dias de feira, comprar os gêneros que eram necessários durante a semana. Mas foi reconhecido pelas autoridades como perigoso assassino.

Ao saberem que era um assalariado de Adolfo não buliram. Sabiam que cercar Adolfo era como se diz besteira e viam naquele cabra o anzol em que havia de pescar o tão desejado peixe. O delegado de Patos procurou o dito cabra e lhe propôs o seguinte. Nós sabemos que você é criminoso, mas se você facilitar para que seu patrão seja preso, a partir desse momento você será um homem livre e ganhará uma fita de cabo. E o que é que tenho a fazer? O seguinte, explicou o delegado, você falsificará toda munição do seu patrão tirando todo o chumbo dos cartuchos só deixando a pólvora. Seu tenente mas tem o negócio dos panos e revelou aquele segredo. Então o tenente viu a razão das diligências fracassadas, e disse deixe comigo esse detalhe.

Morte do Famoso Adolfo

O cabra traidor fez como o tenente mandou, e ensinou e ensinou qual o lado da casa que eles podiam chegar sem nenhum perigo de serem vistos, pois Adolfo trabalhava em um roçado que ficava em frente a casa. Acostumado à vida do campo, trabalhava o dia em vários serviços e só com a noite regressava a casa.

O cabra traidor sabendo o mal que tinha feito ao patrão trabalhou neste dia afastado do mesmo, para no momento ajudar a polícia. O tenente veio aos poucos se aproximando da casa, até que entrou sem nenhum obstáculo. Trancou toda a família, que consistia na mulher, duas meninas e uma pequena escrava não se esquecendo de botar o pano branco na cerca. Adolfo sem imaginar que era chegada a hora de pagar o que devia, como de nada tinha desconfiado vem se

aproximando da casa como todos os dias. Nunca imaginou que até sua munição estava viciada, exceto o cartucho que se achava alojado ao pé da culatra do seu graneiro.Trazia grande feixe de capim, ração esta que era destinada aos bezerros. A calçada era alta, e só dava boa pontaria para os atiradores emboscado depois que ele subisse o último degrau. Mas na ânsia de verem consumados seus intuitos fizeram fogo muito antes do ponto adequado atingindo somente o feixe de capim que se esparramou na calçada. Adolfo em um salto de gato disparou o bacamarte levando este tiro um soltado da força, e foi embora limpo. O tenente ficou pateta diante daquela surpresa em que mais facilitou a fuga do criminoso. Era a primeira vez que saía de um cerco sem brigar. Com isso se achou envergonhado, verificou a quantidade de munição e viu que dava para se desenfastiar que há tempos não brincava. Era o graneiro uma arma no dizer, roceira mas perigosíssima , eram os cartuchos fabricados pelo próprio atirador, um cartucho de encomenda que levava sessenta caroços de chumbo grosso e duas balas. Um atirador de primeira classe para carregar um graneiro tinha que gastar no máximo dois minutos; primeiro cortava o cartucho com o dente, chamava-se correr o cartucho, aquilo que é empurrado com o pé de vaqueta e ainda tinha a escova porque ainda não existia a espoleta, era empregado este trabalho para dar só um tiro. Só a polícia tinha cartucho da praça. Já tinha escurecido completamente quando Adolfo voltou pé ante pé sua intenção era verificar como ia a situação de sua família, que não dava sinal de vida. Entricheirou-se em frente a casa em uma pequena barroca que o sertanejo chamava de vadiador de gado e falou para a polícia. Até ai o coitado nada tinha desconfiado. É quando um soldado chegou tão perto dele que quase ele o empurra com a boca do bacamarte. Então é como se diz, ele atirou de cima sem que nada prejudicasse o avanço do praça. Ele aí desconfiou mas já era tarde. Trinta bocas de fogo em cima de um homem indefeso não tinha reza forte que valesse. Como que alucinado jogou-se contra a polícia ferindo vários

soldados até que caiu morto. Verificando com atenção as histórias de todos os bandoleiros do Nordeste, só este morreu honradamente como seja lutando. Adolfo deixou duas filhas: Rosa que habitava em Malta e Dinamerica que foi morar em Campina Grande. Seus parentes por esta época já tinham voltado ao seu natural, enquanto outros ficaram por lá. Sofia sua irmã deixou numerosa família FREITAS VIDAL. O êxito desta família com relação a anel de formatura tem sido grande. Até o deputado federal Josias Leite vem desta família. Com as perseguições o patriarca da família, ou seja , o Inglês, foi ficar na antiga Vilas de Cimbres, onde está sepultado. Assim foi ADOLFO ROSA MEIA NOITE.

II – 5 Francisco Rafael e o Coronel Paulino

A gente para vir ao mundo tem que ter pai e mãe e eu tive. Foi com orgulho que eu escrevi sobre Jabitacá. E a família Freitas, da qual sou parente pelo lado materno. Chamo-me Joaquim Rafael de Freitas e é justamente por este outro lado que quero deixar alguns esclarecimentos. Vem esta origem por meio de Francisco Rafael. Que por motivo quase idêntico ao do Inglês veio esbarrar na fazenda Curralinho em S. José do Egito.

Seu pai residia como senhor de engenho, na antiga vila do Cabo. Era homem de grande influência política mas que esta época estava, como se dizia, de baixo. A meses que não vinha a vila temendo alguma atitude desagradável de seus adversários. Até que um dia um dos seus moradores, foi a casa grande lhe convidar para apadrinhar uma criança recém nascida. Ele por precaução mandou seus filhos Francisco e Ana a vila para serem padrinhos da criança. Os inimigos do velho, viram no filho um meio de desmoralizar-lhe. Então prenderam Francisco. Ainda assim o velho não saiu da toca. Por não verem nenhuma reação do pai, no outro dia cedo soltaram o menino. Ana que tinha pernoitado na casa de algum parente, regressou sem o irmão ao engenho. Mais ou menos

nove horas, chega Francisco a casa do pai, onde já tinha um negro e um burro com um jogo de malas de viagem prontos para viajarem. Como também o velho na varanda lhe esperando, asperamente foi lhe dizendo: Francisco já não precisa se apear. Ana venha para dentro mas você já está montado fique, está este negro que sempre foi de confiança, este burro com tudo que você há de precisar e este pacote de dinheiro que foi logo lhe passando. E agora vá com Deus se assituar em outro lugar que homem que dorme preso não me chama de pai.

A serviço daquele senhor de engenho, o negro já tinha vindo várias vezes em Pajeú. Vendo que o patrão não tinha um ponto determinado lembrou a ele que nas cabeceiras do pajeú, tinha um fazendeiro que era amigo do seu pai. Para um rapaz criado na terra da cana, deve ter sofrido muito no começo.

Pertencia a fazenda Curralinho a família Teixeira. Francisco era rico mas sem nenhuma experiência no sertão. Porém sua natureza humilde muito contribuiu para que com pouco tempo estivesse acomodado. O fazendeiro tinha três filhos: José Carlos, Isidio e Antonia que com pouco tempo passava a ser esposa de Francisco, mas para os netos sempre foi madrinha Mocinha. Francisco por opinião nunca mandou nem recebeu notícias dos seus parentes. Basta dizer que na seca de 1845, mudou-se para o sul de Pernambuco ficando com a distância de dez léguas dos seus parentes e não procurou saber nada sobre eles. É bom lembrar que um fazendeiro, quando muda-se em um ano de seca, não é porque não tivesse com que passar. Era porque tinha o dinheiro e não achava que comprar e justamente o que se deu com ele naquela seca. Porque no ano seguinte ele foi ao Piauí comprar gado e fundar nova fazenda. Tinha deixado no segredo da casa grande seis contos de reis escondidos. Quando viajou para o Piauí, madrinha Mocinha recebeu a visita do seu irmão coronel Zé Carlos Teixeira, então fazendeiro da Cacimba Nova. Contam que os dois irmãos estavam conversando na calçada, quando lá no fim do pátio apareceu uma vaca e um

bezerro, e é reconhecida como a da fazenda e foi a única que escapou, sem os donos saberem como, porque o outro gado tinha sido retirado para longe. Aquela visita de Zé Carlos Teixeira tinha dois sentidos: primeiro visitar a irmã e segundo trazer seu sobrinho Joaquim para casar com sinhá sua filha única. Era no tempo que os pais arranjavam os maridos das filhas. Era Joaquim naquela época menino de quinze anos e por isso ficaria na fazenda do tio até completar a idade de casar. Mas neste meio tempo Joaquim pede para visitar os pais que não via a mais de um ano. Ao chegar na fazenda dos pais e longe da vista do tio começou a arranjar namoradas, até que um dia raptou dona Jovina, moça "alvarica" e bonita.

Madrinha Mocinha lhe fez a seguinte observação: meu filho você não tinha um compromisso com seu padrinho de casar com Sinhá? Ao que ele respondeu: Eu vou deixar de casar com uma moça branca e bonita para casar com uma cabocla só por que é mais rica? Eu quero é limpar minha família. Mas morreu pobre.

Com pouco tempo, um fazendeiro daquela época se refazia dos prejuízos de uma seca. Mas por enquanto vamos deixar Zé Carlos e vamos no preocupar com Francisco Rafael e seus descendentes. Seus filhos foram os seguintes: Joaquim, Paulino, Paulo, João de Deus, Manoel e José, Ana, Francisca, Maria, Sinhara e Antonia.

De Francisco Rafael ninguém nunca teve uma prova real de sua idade. Se alguém perguntava quantos anos ele tinha, ele respondia "eu aprendi a contar dinheiro". Não era muito chegado a tomar banho. Madrinha era que preparava o seu banho. Depois de pronta ela dizia: a água está pronta seu Francisco. Ele ia mais antes dizia, nunca vi defunto de grude. Devido a sua numerosa família não chegou a ser grande fazendeiro. Joaquim viveu sempre na ilusão de enricar mas devido a sua vida expansiva morreu pobre e até no Piauí deixou filhos.

Enquanto Joaquim era assim vamos encontrar no segundo filho o gênio da família. Para escrever sobre o homem

é preciso esclarecer seus feitos. Mas a vida do Coronel Paulino foi um livro aberto. Quando o coronel José Carlos Teixeira soube que Joaquim tinha casado, lembrou-se logo dele, Paulino escrevendo-lhe uma carta para que viesse na fazenda Cacimba Nova afim de assumir o compromisso de casar com Sinhá, já que Joaquim, não tinha cumprido a promessa. E ele queria deixar a sua fortuna nas mãos de um sobrinho. O camarada, que foi portador da dita carta, por curiosidade abriu e leu. Ao terminar a leitura disse, do jeito que tenho vontade de casar com Sinhá é bem fácil eu não entregar esta carta e rasgou. Não era longe da fazenda Cacimba Nova a casa de Paulino, porque ele vivia no Serrote Pintado. Dentro de dois ou três dias ele estaria falando com o tio. Mas passados três meses Paulino não dava sinal de vida aí o velho já não mais escreveu a ele e sim a irmã nestes termos. Comadre Antonio é do meu conhecimento que você tem recursos mas não ao ponto de seus filhos se julgarem tão acima de não quererem casar com a minha filha. Quase fui quem criei Joaquim porque este passou cinco anos em minha casa e fez do que fez. Agora escrevi a Paulino e a três meses ainda não tive uma resposta dele (mas como se o portador tinha rasgado a carta!) Mas a mãe que também estava inocente chamou o filho para se certificar. Meu filho eu recebi uma carta do compadre José em que ele diz lhe ter convidado para casar com Sinhá e você se recebeu não ligou e eu estou sendo julgada desta maneira. Minha mãe eu não recebi tal carta. E agora mesmo vou a casa dele explicar que estou inocente. Dizem que na viajem para Cacimba Nova, na cacimba do Riacho do Joaquim, debaixo de um juazeiro tendo ele se apeado para dar uma fuga a cavalo achou os pedaços da carta que juntou e levou ao tio provando com isto a sua inocência. Acertando tudo com o tio no que se referia ao casamento veio em casa tranquilizar a mãe e se preparar para enfrentar a nova vida. Quando chega em casa tem uma carta vinda de Chã Preta. Era seu tio Izidioque o convidava para ele ir urgente casar com uma de suas filhas. Ele escreveu ao tio que naquela altura já não era possível e

como era muito unido a Paulo seu irmão pediu para que ele fosse em seu lugar. A moça não gostando daquela substituição disse: eu queria com Paulino e não com este. Enquanto Paulino está organizando sua transferência, aparece o caso de Pastora, que se achava grávida. Talvez tenha sido este o maior deslize de sua vida. Mas não ficou só nisto. Minha bisavó que nunca deixou de castigar um filho por qualquer falta, não ia deixar este impune. Mandou fazer uma rede a propósito e deu de presente a Paulino. Ele como todo Rafael gostava de soninho de meio dia: quando a velha viu que ele estava em sono solto, costurou a rede com um cordão bem forte, isto de um punho ao outro e meteu a macaca. Ela quando tinha de fazer um serviço assim procurava um meio de ausentar as filhas. Mas neste dia as meninas desconfiaram e não deixaram ela terminar aquela última sova da maneira que ela queria. Com poucos dias realizou-se o casamento de Paulina com a prima. A viajem de lua de mel foi de Cacimba Nova a Curralinho onde ele recebeu a benção dos pais. E Sinhá sendo sabedora do nascimento do menino foi visitar aquela ultrajada mãe e não foi com pouco trabalho que conseguiu da Pastora o direito de adotar a criança – era João Augusto. No ano seguinte, dela nascia um filho a que deram o nome de Posidônio. Este menino teve para João Augusto um afeto fora do comum. Dizem que Sinhá zelava João demais do que o próprio filho. E bem mereceu porque foi João Augusto um exemplo em todos os sentidos. Posidônio foi como um botão de rosa que não chegou a desabrochar, porque aos dezoito anos seguia o destino da mãe falecendo inesperadamente. Enquanto isto Pastora recebeu um dote e casou-se com Manoel Nunes um dos homens de confiança de Paulino. Quanto a prosperidade de Cacimba Nova foi fora de série. O velho José Carlos não tinha administração. Era rico porque Deus queria. Mas com Paulino negro teve que trabalhar. Dizem que nos primeiros meses conseguiu pegar todo gado brabo mesmo assim uma tarde Zé Carlos observando a atividade daqueles negros que outrora eram preguiçosos e que agora colhiam as

ordens daquele moço tão dinâmico disse: isto é só enquanto eu viver. Contam que depois de muitos anos já quando ele não existia e que a riqueza do Coronel Paulino era sem dúvida a maior do Pajeú,ele dizia: há se meu tio aparecesse agora, para ele ver se tinha diferença da que ele deixou. Alguém pode me censurar porque só me encarreguei de escrever sobre a vida do Coronel Paulino. Mas toda família se orgulha quando nela existe um gênio.Na minha teve dois: ele e Sizenando do Feijão. A visão do Coronel Paulino era como se fosse de um engenheiro diplomado. Todas as casas construídas por ele eram viradas para o nascente. Ele dizia casa que entra o sol não entra médico. Na seca de 1877 ele ainda estava em fase de organização, ainda não tinha cômodos suficientes para o seu criatório. Por isso viu o seu rebanho reduzido a cinquenta e quatro reses. Quando ao pegar o inverno no ano seguinte um amigo perguntou: Coronel que vai fazer agora para aumentar o gado? Ele disse: eu tenho uma sementizinha ligeira. Vendeu o ouro que tinha e comprou oitocentos garrotes e só começou a vender depois de cinco anos. Em 1880 fundou a fazenda Varzinha. No começo de sua história, quando eu falava da carta de José Carlos Teixeira, também falei na do seu tio Izídio, enviada de Chã Preta. Pois, é quando ele enviuvou quis fazer os gostos daquela tia, como de fato fez, casando-se com Antonia. Deste casamento nasceram-lhe as seguintes filhas: Catarina, Áurea, Josefa, Constância e Teonila. Pela terceira vez o destino o fez completar a sua novela, fazendo com que ele cassasse com Josefa filha de Dondón, a prima alagoana que quis ser a sua primeira esposa. De seu terceiro casamento ficaram dois filhos Antonio e Teonas. Até nisso se vê o quanto ele era completo. A fazenda da Varzinha era como uma despensa, de tudo tinha muito. Para qualquer artista ele tinha ferramentas desde o sapateiro ao ferreiro. Confiava desconfiando. Contam que ele tinha um vaqueiro de toda confiança como também uma gaveta, onde se guardava correias e outros objetos, e que só eles dois mexiam. Ele pegou uma nota de cem mil réis e jogou como por esquecimento e

assim passou mais de um ano, até que o vaqueiro não suportando mais aquela sopa resolveu ficar com ela. Ele ao dar por falta da nota chamou o vaqueiro e disse: Compadre, você já tem seus trocinhos, procure um cantinho para morar, que eu quero ajudar a outro. Tudo o que tinha era dele, e honestamente. Se fosse possível dava, mas não emprestava. Às vezes chegava um camarada e dizia-lhe: Lá onde eu moro tem um boi do senhor. Então ele dizia faça meu ferro. O camaradinha que vinha com o intuito de enganá-lo respondia: Coronel não tem ferro, mas todos lá sabem que seu – É não. Vão procurar o dono.

Desde de o enfincar uma estaca ou construir um açude, a gente vê sua engenharia. Que maravilha não é a cerca da manga do açude novo. De quase vinte açudes que ele construiu arrobou-se um que foi o do poço cercado. Quem chegar na fazenda Varzinha e observar com cuidado vê nela uma fortaleza, e como prova só foi assaltada uma vez e traiçoeiramente pelo bandido Antonio Silvino. Que linda fazenda não seria a Varzinha se o Coronel em vez de ter morrido, tivesse nascido em vinte. Tudo que ele construiu foi manualmente porque nem se quer a pólvora era usada para certos serviços. No plantio de milho ele mandava jogar doze sementes na cova. Se alguém achava demais ele dizia: dois do passarinho, dois da formiga e dois da enxada, eu fico com seis. Foi indiscutivelmente o maior em tudo.

Sua propriedade foi a maior do Pajeú. Vinha desde a Lagoa do Caruá ao Poço Cercado. Seu criatório foi incalculável; basta dizer que na seca de 1898 retirou para o Piancó quinhentos animais muares.

Politicamente foi chefe por dezoito anos, exercendo de tudo. Quando classifico a Varzinha como uma fortaleza me refiro ao cangaceiro Antonio Silvino que ao sair dali disse: nunca mais venho aqui. Aí João Canário perguntou a ele por que? E Silvino respondeu: porque o homem é valente e água é uma arataca. Não viu o que ele disse quando eu disse que matava ele e Pedro Teixeira. E ele ficou a duvidar de mim.

Isto foi em 6 de outubro de 1905. Dois anos depois Silvino prendeu o vaqueiro na fazenda Socorro e pediu um resgate de seis contos de réis. O bilhete do bandido era mais ou menos assim. Coronel Paulino peço para o senhor me mandar sem falta seis contos, até manhã as seis horas; se o senhor mandar está acabada a nossa intriga e se não mandar eu vou ficar na beira do açude atirando no gado até completar este dinheiro. O Coronel não tendo outra saída viajou para Monteiro e deixou Andrelino negociar com o bandido. Andrelino acabou com a questão levando o dinheiro. Uma fortuna para o começo deste século porque o valor de uma vaca era cinquenta mil réis.

O ano em que ele apurou mais dinheiro em gado foi 1912 a 1913. Começaram a pegar boi em julho e terminaram em fevereiro. Coronel João Ferreira de São Caetano só de uma vez lhe trouxe setenta e cinco contos de réis. A cada genro ele deu uma fazenda. Exceto Tércio que já era fazendeiro do Morcego. Josefa morreu antes de casar. Era noiva de meu pai. Mas a João Ferreira casado com Áurea ele deu a antiga Cacimba Nova. A Manoel Martins de Oliveira casado com Catarina deu o São João. A Adrelino casado com Teonila deu a Mata Verde. Este dedicou-se à compra de algodão e nunca chegou a residir definitivamente nas fazendas que herdou. Antonio herdou o Socorro e Teonas ficou na Varzinha. Comecei a conhecer a Varzinha em 1934. Quatorze anos após a morte de seu dono. Meus conhecimentos literários não ao ponto para escrever um livro. Reconheço que na minha família existe gente que literalmente não sou capaz de lhe dar “bom dia”.

O Coronel Paulo, politicamente foi como um irmão. São José do Egito foi por ele governada por muitos anos. Casou-se também três vezes e sua memória continua prevalecendo naquela cidade, porque Walfredo Siqueira é seu neto.

João de Deus foi o dono da fazenda Pinhões e foi o Pai de Badico, Andrelino, e finalmente o pai daquele que ainda hoje o cariri se orgulha Sizenando do Feijão.

Manoel é conhecido como Rafael do Monteiro. Foi da casa dele o primeiro formado da família o Dr. Sebas. Tudo que dele saiu tem sido para orgulho da família e engrandecimento da Paraíba.

José Rafael ou Cazuza, como era chamado, é meu avó, foi a caixa da humildade, casou-se e ficou em companhia da mãe. Quando o Coronel Paulino procurou trazer para perto dele ela disse, só vou se Cazuza for. E ele para fazer os gostos da mãe deixou tudo em Curralinho e veio com ela para o Morcego. Por isso não deixou recurso, mas para o meu orgulho não conheço nenhum descendente dele em estado de miserabilidade.

Ana casada com Pedro Joaquim foi morar em Patos – Paraíba, onde existe grande família.

Sinhara casada com Claudino ficou morando no Serrote pintado. Pouco sei dos seus descendentes

Antonia casa com seu Gomes é de onde parte a família Gomes de Tuparetama – para o orgulho dos descendentes de Antonia nasceu José Rabelo o maior tribuna do Pajeú.

II – 6 O Vaqueiro Barnabé – Era Barnabé filho do município de Taperoá. Ainda muito moço, começou a ser Vaqueiro da fazenda Varzinha. Nesta pequena história ver-se-á quanto era necessário ter-se atividade para um vaqueiro não dar prejuízo ao patrão. Não era o Coronel da Varzinha que era ativo, o Coronel Rafael do Monteiro também era. Barnabé era o homem de confiança para os mandados de responsabilidade. Um dia o Coronel Paulino mandou ele levar uma carta em Monteiro a qual acusava o envio de um conto de réis. O irmão leu a carta e ficou de lhe entregar o dito dinheiro logo depois da feira. Barnabé que gostava de tomar uma pingazinha começou a bebericar umas pequenas doses. À tarde já estava mais alegre, mas dificilmente se notava. O Coronel ao lhe entregar o dinheiro sentiu um cheirinho da bichinha. O vaqueiro colocou o dinheiro no bolso do gibão e seguiu viagem. Na ponta da rua tomou a saideira e pé na estrada.

Uma pessoa que assistiu sua ultima bicada veio avisar ao Coronel que Barnabé não ia ficar bem da cabeça e o Coronel ao ouvir aquele relato nada disse. Mas quando o relógio marcava cinco horas ele já viajava no rastro do vaqueiro. Passou em Cacimba Nova ainda com claro do dia. Até vinha vendo o rastro do cavalo. Daí até a fazenda Varzinha era esquisito e suspeito. Noite escura, mas ele tinha que acompanhar aquele irresponsável. Ao chegar nas pedras brancas, seu cavalo fitou o aceiro do caminho. Ele parou calmamente e verificou que havia uma pessoa dormindo e não deixava dúvidas; era Barnabé. Apeou-se e verificou se o dinheiro continuava com ele. Ao ver que nada faltava, deixou-o dormindo e seguiu para a fazenda. Não acordou o irmão; foi para a casa dos vaqueiros e dormiu o resto da noite.

Ao piar do passarinho chegava Barnabé também na fazenda. Devagarinho tirou a cela do cavalo mas estranhou ao ver uma rede a mais na sala dos vaqueiros. E não foi pequeno seu espanto em saber que se tratava do Coronel Rafael. Ninguém nunca chegou a saber o diálogo entre os irmãos. Só sei que a partir deste dia, passou Felipe a exercer as funções de Barnabé.

II – 7 O Matador de Onças

Cazuza de Socorro – Para ter uma ideia prática sobre sua vida, basta dizer que quando ele completou noventa anos uma pessoa perguntou-lhe: Seu Cazuza, quantas onças matou? Noventa, e duas pintadas. E estas também não eram onças, seu Cazuza? Eram mas brigaram. Aí contou o encontro que teve com uma delas. Para os lados de São Tomé, morava um caboclo desses bem boateiros, que tinha uma parelha de cachorros, que já tinha acuado tudo. Só faltando o bicho onça. Ouvindo falar daquele caçador o caboclo veio bater à sua porta e desembaraçadamente pergunta: - o senhor é o Cazuza que mata onças? – sou, respondeu o velho. Pois eu vim somente para dar uma caçada, porque é o único bicho que eu e meus

cachorros faltamos matar. Disse o velho: meu amigo, onça não é preá. O senhor está enganado comigo. Eu sou dos homens que não tem medo de nada e os meus cachorros também não ficam atrás. Se é assim vamos ficar esperando alguma notícia da onça. E assim foi. Com três dias chega um portador da fazenda, com um recado do Coronel para que seu Cazuza fosse bem depressa que a onça tinha matado um poltro de burro no baixio da melancias. Seu Cazuza disse: Caboclo se apronte que hoje você fará o teste que tanto sonha. Já estou pronto. Ao anoitecer eles chegavam a porta da fazenda. O patrão forneceu tudo que era necessário para a caçada da fera. A onça só tinha comido a metade da presa e coberto o resto. Um sinal que naquela noite viria comer a sobra que deixou guardada. O velho conhecedor destes segredos ficou esperando o momento em que deveria soltar os cachorros. Enquanto isso o Caboclo valente não achava canto. O velho disse não se apresse meu amigo, deixe ficar mais tarde. Já pela metade da noite o cachorro do velho caçador começou a se impacientar. Era sinal que a onça vinha perto. Os cachorros do valentão estranhando o significado da impaciência do cachorro de seu Cazuza, ficarem do mesmo modo, onde o Caboclo dizia eu sabia que vocês davam para acuar onça. Aí, seu Cazuza dizia: fale baixo. Até que chegou a hora do velho soltar os cachorros. O Caboclo também soltou os seus sem saberem a que iam enfrentar. Saíram como duas flechas e o dono atrás. A onça correu pouco enfrentando os três cachorros ou melhor um, porque dois vinham em procura do dono. Como a lhe pedirem socorro. Todo esforço foi em vão, porque até a voz do dono parecia ser o ronco da onça. Mas com tudo isso até aí o Caboclo não esmoreceu. A onça se viu forçada a subir em uma aroeira. Era noite de lua e a onça na copa daquela árvore, aquelas malhas brancas e pretas chegava a furtar a vista. O Caboclo que nunca tinha visto aquilo ajuntou a admiração com o medo e deu um grito a todo pulmão – ô "bicha bonita". A onça saltou do pau e aí correu. Só com o sol fora foi que puderam tomar chegada, isto já no serrote do veado, com mais

de uma légua. Em uma pequena pedra a onça ficou de cócoras mais morta do que viva, de tanto correr. Seu Cazuza para testa o cabra cortou um cacete, o cabra também cortou. Seu Cazuza deixou o chapéu de couro na mão, o cabra fez o mesmo. O velho disse: vá por aquele lado e quando eu balança a cabeça você mete-lhe o pau. Antes do sinal combinado o cabra levantou o toro mas não viu onde foi voar e quando voltou a si estava estirado no chão e a pintada sentada no seu bucho, ele aí morreu. A onça com cuidado no cachorro pouco ligava aquele fardo, mas de quando em quando cuspia em sua cara. O velho ao vê-lo assim todo quietinho viu que estava bom, aí atirou na onça e o cabra nem o tiro ouviu. Depois da onça morta, com muito trabalho, seu Cazuza conseguiu acordá-lo. Ele quis levantar-se mas estava tão passado que não via a fera abatida a seu lado. Ao vê-la pediu para o velho tirá-la dali para que ele pudesse levanta-se e só depois que o velho puxou-a pela calda foi que ele conformou-se. E aí perguntou a seu Cazuza, me ensina um caminho daqui para minha terra, para não ser preciso eu ir mais na fazenda. O velho disse isso não, você tem que ir buscar seus troços. Mas seu Cazuza quem está melado como eu, não pode ir para casa de ninguém.

II – 8 Como se faz uma Coisa sem Querer

Baião, era filho de seu Cazuza matador de onças mas nunca gostou de tal esporte. Acontece que um dia ele estava em casa e é quando desce uma cabra em direção ao açude, a qual ele procurava a dias. Com sua experiência de vaqueiro notou que Lea tinha deixado a cria escondida. Com facilidade prendeu-a com um laço e trouxe para o chiqueiro, botou-lhe um chocalho e soltou-a para que mais facilmente ele a seguisse. Isto é um serviço que se faz com muito cuidado, porque se a cabra notar que está sendo seguida naquele dia, ela de maneira nenhuma mostra o cabrito. Pensando não precisar de armas para aquela viagem ele levou somente um machado e uma faquinha de cortar o fumo. Por muito que fosse a

distância da casa, ao se encontrava o cabrito escondido não era mais que um quilômetro. Ao se aproximar de um serrote ele começou a ouvir um berro do cabrito e a cabra correr em socorro do filho. Até aí ele nada tinha visto de anormal. Mas logo desconfiou ao ouvir um berro de alarme que a cabra deu. Pensando se tratar de uma raposa ou gato, veio se aproximando despreocupadamente e é quando ele avista uma sussuarana, pequena onça vermelha, que alguém chama onça de bode, que com toda a calma já bebia o sangue da cabra e ao vê-lo não ligou nenhuma importância. Ele sabedor que aquela onça tinha medo de gente, chegou tão perto que tentou abatê-la com o cabo do machado e foi a sua perdição, pois a oncinha lhe enfrentou com tudo o que tinha. O machado ele ficou logo sem ele e ela em cima sem lhe dar tempo para nada. E quando ele lembrou-se da faquinha seu estado já era precário. Neste mesmo momento ela se jogou em cima dele com as quatro patas, envolvendo com aquelas afiadas garras todo o corpo do rapaz. Baião por felicidade conseguiu enfiar no peito da onça a faquinha até o cabo, mas não teve força para puxar. A onça atingida caiu para um lado mas Baião não viu por ter desmaiado e assim passou várias horas sem ser socorrido. Seu encontro com a onça deu-se mais ou menos às nove horas. Às onze é quando a família vem do roçado para o almoço e não vendo o rapaz, a velha explicou que ele tinha ido ver achava o cabrito da cabra azul. O velho perguntou: ele levou a espingarda? Não, levou o machado. Ah! Então ele foi tirar uma mandaçaia que achou no pé do serrote. E assim voltaram para o roçado. Não se sabe o tempo que ele passou desacordado, mas quando voltou a si viu a oncinha morta a seu lado, procurou levantar mas não foi possível. Os nervos dos músculos estavam todos expostos, devido aos golpes recebidos da fera. Com dificuldade consegui se arrastaraté o pé de uma pedra onde ficou na sombra, mas desmaiou pela segunda vez devido a sede e a falta de sangue. As três horas da tarde, por felicidade é que vem passando um vaqueiro por ali e viu baixar um urubu; o cortar de asa desta ave é incluído nos

deveres de um vaqueiro. Aquele aviso serve para mostrar que ali tem animal morto e foi o que salvou a vida daquele rapaz. O vaqueiro ao se aproximar ao se aproximar do serrote ouviu um fraco gemido e isso o fez apressar os passos. Ao ver a bagaceira ficou sem acreditar como uma onça tão pequena deixava um homem naquelas condições. Só fez ver e deixar porque nada tinha a fazer. Mas correu até a fazenda de Socorro onde trouxeram uma rede para remoção do ferido, o qual passou trinta dias entre a vida e a morte e só com seis meses voltava a andar. Assim era o pajeú.

II – 9 O Velho Pedro Teixeira

Pedro Teixeira era um parente da família Rafael que pela sua atuação bem merece ser lembrado. Era como se fosse o braço direito do Coronel Paulino. Eram primos, e casado com uma sobrinha do Coronel. Foi dele a ideia da construção do açude da Varzinha. Quando o Coronel enviuvou pela segunda vez vivia muito pensativo. Pedro vendo o acabrunhamento do seu amigo convidou-se para iniciarem aquele serviço tão sonhado. Dito e feito. Construíram o açude, e o Coronel se recuperou da melancolia. Pedro era astuto e desassombrado. Quando Antonio Silvério atacou a fazenda ele estava pulgado por ordem do mesmo, foi trazido à casa grande, com a sentença de ser ali assassinado. Apesar de doente não mostrou covardia na frente do inimigo. Silvino ali se achava como senhor absoluto, disse mandei lhe buscar para matar os dois juntos, você e seu patrão. Foi quando o Coronel Paulino enfrentou o bandido com a seguinte frase: "será grande glória você matar dois velhos. É assim que você paga o benefício que fiz a seu pai quando estava preso e eu o libertei"? O bandido disse se não fosse você falar eu nem me lembrava que tinha pai. E ainda tem quem diga que Antonio Silvino era bom. Quem já viu cangaceiro prestar!

Pedro Teixeira tinha uma experiência: quando pegava na mão de uma criança sabia se ela havia de ser amorosa ou

não. Se ao pegar na mão da criança ela apertasse, aquele havia de ser amorosa. Foi outro que ninguém nunca soube a sua idade. Só sei que faleceu em 1935

II – 10 O Fazendeiro Poeta

Era João Augusto, filho do Coronel Paulino. Foi dono das maiores virtudes em relação a poesia. Ninguém o superou. Era capaz de palestrar um dia todo fazendo versos. Era o tipo de poeta que admiro. Sem vaidade pelo que tinha mas foi rico. Ainda hoje é Santa Tereza a miniatura de um museu histórico, o açude, a casa grande, o pé de umbuzeiro cajá. Eram os amores de Dona Naná e seu João.

O violeiro Manoel Vitorino chegou um dia perdido àquela fazenda e perguntou como se chama este lugar. Ele respondeu. Pode se apear cantador, que aqui é Santa Tereza, aqui eu sou o senhor, desta nobre fortaleza. E era assim só respondia uma pergunta com um verso. Dos filhos o que mais prosperou foi José Augusto e morreu tão moço. Tem como cabeça da família, Inácio, funcionário do senado federal. Mas quem herdou sua inteligência foi Luís Marinho, seu neto.

Para melhor dizer, todos seus descendentes são bem de vida. Seu filho Januário é o maior admirador, não classifico como avarento mas seu bolso parece ter visgo porque dinheiro caiu ali acabou-se. Em lembrança ativa tem Patrício, e em teima ganhou de Zacarias Severo.

II – Fazendeiros do Passado

Varas foi antigamente uma data de terra mas que depois passou a distrito, como foi dito anteriormente. É ligada com a data de Lagoa, e que ainda hoje está sem ser dividida. Nelas se acham localizadas as três maiores propriedades do pajeú: Varzinha, Duas Barras e Carnaúba.

Seria egoísmo meu não lembrar o nome dos ilustres e dinâmicos fundadores destas sublimes maravilhas, onde a casa

grande não era um castelo francês mas que tinha um homem rude de braços abertos para receber um visitante. Onde o colete de couro e o bigode grosso eram distintivos valiosos. Um simples cabelo daquele bigode correspondia a uma promissória atual.

Há um dito no sertão que o sertanejo só vive começando e é justamente o que se deu com muitas das fazendas daquele tempo. Algumas que sobreviveram já não pertencem nem se quer a um parente longe. A Volta, de Joaquim Amorim, o Facão de Nicácio Pereira, foram as duas principais. Depois Duas Barras, de Manoel José, hoje de Antonio Souza; Carnaúba, de João da Luz, hoje da família Torres; Varzinha de Paulino Rafael, está retalhada; Santa Tereza, de Clemente Correia, hoje de Gonçalo Gomes; Pereiros, de Antão Nunes. Resta Caiçara e Riachão do Major Laurindo e Tenente Pedrosa, hoje de vários herdeiros; Caiçara, do Coronel José Gomes, e Morcego, do Coronel Manoel Rafael. Estas sempre foram mais administradas. E são essas três únicas que pertencem aos herdeiros dos seus donos.

A fazendo do Barbosa é onde se acha a atual vila de Jabitacá. Outra fazenda foi a Lagoa do Serrote, do Major Belarmino. Fazenda o Satélite. Foram várias como Mandioca, onde se diz existir um cabedal oculto pelo Barbosa, Goiabeira, Serra Branca, Exú, Caiçarinha, Fundão, Calçado, Carro Quebrado – estas possuídas de menores vultos recebiam os nomes de logradouros.

O pajeú foi o distrito que mais teve fazendas de gado. E hoje por lembrança, resta a casa grande, ou simplesmente os torrões. Tem-se, por exemplo, Cacimba Nova, que só tem a casa e a música. Hoje o pajeú é uma simples sobra do passado, onde até as diversões regionais foram modificadas. As tradicionais apartações foram substituídas pelas vaquejadas. Onde aquela porteira apertada mostra que tudo é só aperto. Até o toque de um chocalho hoje é diferente. Se é chocalho de toque grosso diz: - cuidado no banco, cuidado no banco. E se é fino diz: - o fiscal vem aí, o fiscal vem aí.

Em companhia da civilização vem o débito bancário. Hoje em dia, no sertão as amizades são diferentes. Se dois fazendeiros se gostam, é porque um avalizou pelo outro. Não se ouve mais dizer que fazendeiro fulano de tal vendeu bois e sim que vendeu cem quadros de madeira para fazerem carvão. Não é mais a época da prosperidade e sim da destruição. Tudo se tem e nada se dá. Há anos li uma profecia que dizia – muito posto e pouco rosto - mas vejo diferente – mas vejo diferente – pouco pasto e nenhum rastro. Não resta dúvida que vejo tudo mais fácil, é o trator para cultivar a terra, é a máquina para debulhar o milho, é o plantio de capim, irrigação, máquina forrageira. Só não vejo é um tirar queijo pingando manteiga. Jabitacá é um distrito que bem pode se orgulhar porque entre filhos e descendentes de seus filhos já saíram nove prefeitos. Até Itapetim tem um procedentes de Jabitacá no governo.

Para que ninguém futuramente venha pensar que eu como filho de Jabitacá mostro o retrato de um reino encantado, mencionarei os nomes dos prefeitos e de onde procedem.

Paulino Rafael, fazendeiro de Varzinha, João Alves dos Passos, Antonio Juvino Vidal, Nozinho Câmara, neto do Major Belarmino, Coronel Francisco Torres, procedente de Amorim, Major Possidônio; nasceu na fazenda Caiçara dos Gomes, Francisco Cunegundes, filho de João Alves dos Passos. Valdecyr Arruda procede de Nicácio Pereira e José Rafael.

II – 12 Antonio Catolé

Não era preciso um grupo de cangaceiros atacar um povoado ou mesmo uma fazenda para que recebessem perseguições. A notícia da passagem de um grupo por qualquer sítio era o bastante atemorizar seus moradores. Várias vezes procuravam os lugares mais esquisitos mas eram logo denunciados. Justamente foi o que se deu com Adolfo, que sem querer encontrou Antonio Catolé, que também era criminoso, e se achava na proteção da família Lopes na

fazenda Dois Riachos. O grupo procurava apenas cruzar a propriedade com destino a Solidão, quando foram atacados de surpresa, sendo obrigados a uma retirada apressada, resultando um morte e três feridos. Seis meses já eram decorridos sem que Adolfo desse notícias, de forma que já estavam esquecidos, quando são atacados pelo grupo que vinha reforçado. Cobrou com juros matando dois daquela família. Foi daí por diante um inimigo a mais para Adolfo; não mais se encontraram por medo um do outro. É quando surge a intriga de Adolfo com as famílias Bernardo e Dantas. Aparece então Antonio Catolé que é logo aceito por todos, procurando os fazendeiros do pajeú para explicar suas intenções, comprometendo-se em tirar Adolfo da região de uma forma ou de outra. Antonio Catolé via duas oportunidades: primeiro de pegar dinheiro e segundo de se livrar dos seus crimes que não eram poucos. E de fato foi quem mais contribuiu para a retirada do grupo, indo deixá-los em Malta; de lá trouxe o chapéu de Adolfo como troféu. Só não liquidou desta vez (a Adolfo), porque os parentes garantiram que ele nunca mais voltaria. Catolé chegou de volta como vencedor, mas em vez de se regenerar continuou no caminho do crime, sendo depois morto no sítio Quixaba por um oficial que o reconheceu.

II – 13 "O Cangaceiro Praxades"

Praxades José Romeu. Este personagem nasceu no distrito de Jabitacá; também era parente de Adolfo, mas nunca se uniram. O sítio Casa Nova foi seu berço natal. Desde muito cedo caiu na vida do crime. Iniciou com várias foiçadas em seu primo João dos Santos, fazendeiro de Caroá. Foi que assassinou Pacífico, irmão de Adolfo. Existe na Caiçarinha uma sepultura de um cangaceiro que ele matou, que nem mesmo ele soube o nome. Com pouco tempo fugiu indo procurar a proteção do Major Quintino da Colônia. Um dia se achava guarnecendo a casa grande, quando é atacado por dezoito homens que procuravam tomar uma moça que estava

ali depositada. Vendo que não tempo para lhe auxiliar e porque estavam todos no engenho, com um tiro quebrou a perna do chefe do grupo, ficando senhor da situação sem precisar de ninguém. Foi ainda ele, quem matou Enoque da Cachoeira do Guilherme, a mando do seu patrão. Não podendo mais ficar aqui foi para o sul de Pernambuco, onde matou o filho de um senhor de engenho. Este queria levar uma moça a força, que por medo do mesmo tinha se refugiado em sua casa. Nesta luta sua mulher foi gravemente ferida; mas que só saiu dali depois da mulher recuperada.

Findou seus dias como cangaceiro de Afogados da Ingazeira, sem nunca vir em Varas, por ter feito um acordo com seus inimigos, os irmãos de Adolfo. Por aí se vê a espécie de gente que Adolfo enfrentava. É bom que saibam que desta marca tinham muitos. Era no dizer dos sertanejos, "cobra engolindo cobra". Renovando as cinzas do passado escrevi o que não foi escrito. Não fui contemporâneo destas ocorrências, mas conservei na memória o que os velhos diziam, com relação as coisas do passado. Meu pai era um museu. Sempre me falava da coragem de Nobelino; diziam também que a sua perversidade era fora do comum. Quando atirava em um inimigo, e por acaso ele caia vivo, o tiro de misericórdia era acompanhado das seguintes palavras: te elmbras do nome de Nobelino; apesar de não ter casado deixou vários filhos.

II – 14 O Vaqueiro Juiz

Manoel Martins Ferreira foi sem dúvida nenhuma o melhor Vaqueiro da região. Zeloso, caprichoso e de grande honestidade. Do Pajeú ao Cariri sua fama ainda é lembrada até por esta geração. Enquanto vivo, foi como um esteio para a fazenda Varzinha.

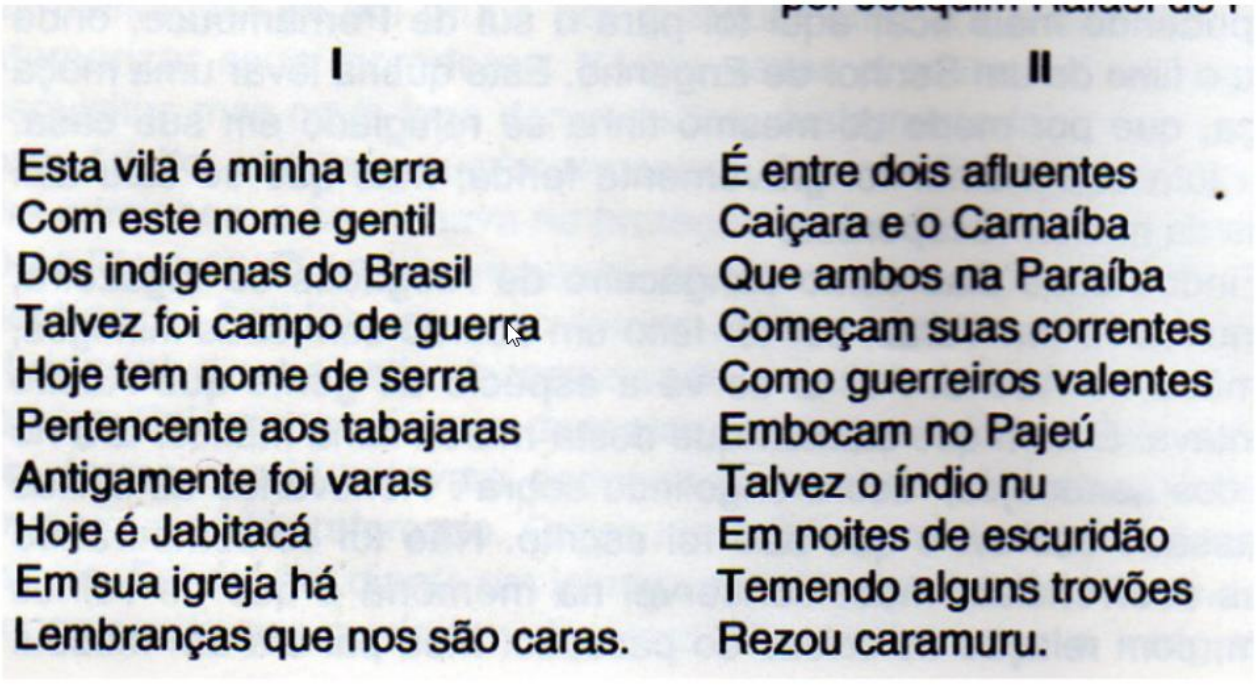
Em minha vida de vaqueiro cheguei a conclusão que ; é a fama mais dura do homem conservar, e ele nunca desonrou seu gibão.

II – O Poeta Quincas Rafael

Joaquim Rafael de Freitas, Quincas Rafael, é um poeta do repente. Historiador de sua terra, não possui instrução formal aprimorada, mas carrega na veias a inspiração dos cantodores do Pajeú. De sua lavra, e escolhi "Jabitacá antiga Varas". A veracidade de muitas passagens da história de Jabitacá pode ser comprovada, embora em outras sinta-se a tendência ao dramático e ao grandioso da história oral. A comprovação da validade dessas notas é observada na comparação com a escritura da Volta, de 1790. Nela aparece como comprador o Francisco Barbosa da Silva, o Barbosa fundador do povoado ao iniciar a construção da capela. Aparece também Antonio de Amorim e Silva que pelos escritos de

JABITACÁ (Antiga Varas)

Por Joaquim Rafael de Freitas



I

Esta vila é minha terra
Com este nome gentil
Dos indígenas do Brasil
Talvez foi campo de guerra
Hoje tem nome de serra
Pertencente aos tabajaras
Antigamente foi varas
Hoje é Jabitacá
Em sua igreja há
Lembranças que nos são caras.

II

É entre dois afluentes
Caiçara e o Carnaíba
Que ambos na Paraíba
Começam suas correntes
Como guerreiros valentes
Embocam no Pajeú
Talvez o índio nu
Em noites de escuridão
Temendo alguns trovões
Rezou caramuru.

III

Foi palco dos cangaceiros
Alfredo e Nobelino
O nome de Antonio Silvino
Fez tremer os fazendeiros
Razões desses desordeiros
Era a justiça mesquinha
Aquele poder que vinha
Era dado dos Coronéis
Que com cara de pajés
Tomavam o que os pobres
tinham.

IV

Sua pequena capela
Lembra um poço primitivo
Talvez o suor cativo
Molhou toda base dela
Bem escrito está nela
A data da construçãoQuanto e'
sua antiguidade
É o símbolo da verdade
Em nossa povoação.

V

Barbosa o fundador
Desse nosso povoado
Segundo era casado
Coma dona Leonor
Foi ele o maior valor
Que aqui já existiu
Quando do mundo partiu
Cumpriu o dever antigo
Passando a ser seu jazigo
O templo que construiu

VI

Ainda é conservado
No centro lindo cruzeiro
Mostrando que no madeiro
Cristo foi crucificado
Há um século foi plantado
Pelo povo não liberto
Gente de longe e de perto
Vem aí em romaria
A render culto a Maria
A Mãe do amparo certo.

VII

Além desta santa cruz
Como marca do passado
Existe um sino de lado
Presente de João da Luz
Como um ser vivo traduz
Mensagem da antiguidade
Ela hoje na verdade
Está muito diferente
Mas quem dela está ausente
Sente por ela saudade.

VIII

Varas pequena povoação
Esquecida dos valores
Que iludem os eleitores
Nos dias de eleição
Recanto de um sertão
Pela seca calcinado
Nem mesmo um filho bastardo
É assim tão esquecido
Este meu sertão querido
Devia ser mais lembrado.

IX

O seu passado brilhante
Se retrata no presente
Pela sua humilde gente
Se torna mais importante
Para qualquer viajante
A mais hospitalidade
O seu solo tem bondade
É uma terra tranqÅila
Tem tanta cidade vila
Mas ela é vila cidade.

X

Até sua fundação
Parece mais uma lenda
Porque de simples fazenda
Passou a povoação
Não tem a evolução
Que um lugar grande tem
Sou filho de lá também
E me orgulho em dizer
Que Varas pode viver
Sem precisar de ninguém.

Fevereiro de 1971.

Quincas Rafael seria irmão de Joaquim Amorim, sogro do inglês.